

## ARTIGO 05

### **PENTECOSTALISMO EM MOVIMENTO: A CONSOLIDAÇÃO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL E SUA EXPRESSÃO NO ALTO TURI, MARANHÃO.**

Rimilla Queiroz Araújo<sup>142</sup>

Bezaliel Alves Oliveira Junior<sup>143</sup>

Jonas Roberto Santin<sup>144</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo analisa a trajetória histórica das Assembleias de Deus no Brasil com base na periodização proposta por Gedeon Alencar (2019), que divide o movimento em quatro fases: pioneira (1911–1930), consolidação institucional (1930–1960), expansão (1960–1980) e diversificação (1980–presente). A abordagem busca compreender como o pentecostalismo assembleiano se enraizou e se consolidou como uma das principais expressões religiosas do país, articulando fê, organização e cultura. A segunda parte do estudo foca na história das Assembleias de Deus no município de Zé Doca, localizado na região do Alto Turi, no Maranhão. A principal fonte utilizada é o trabalho de Rimilla Queiroz de Araújo, *A História das Assembleias de Deus em Zé Doca: Liderança, Identidade e Controle*, que investiga as dinâmicas internas da igreja na cidade. A pesquisa destaca o papel dos líderes fundadores, pastor José Arcanjo de Deus e Silva, além de analisar o uso das fichas da CPAD, utilizadas pela Igreja como mecanismos de controle institucional e construção de uma identidade assembleiana contextualizada. O estudo conclui que a experiência de Zé Doca reflete tanto as diretrizes nacionais da denominação quanto as adaptações específicas ao contexto regional, evidenciando como a história local enriquece a compreensão do pentecostalismo brasileiro.

---

<sup>142</sup> Doutoranda em História pela Universidade Estadual do Maranhão/PPGHIST (Programa de Pós Graduação em História com área de concentração em História, Ensino e Narrativas); Mestra em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Bacharela em História pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: rilinghaduchovny@gmail.com

<sup>143</sup> Doutorando em História pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA/Programa de Pós Graduação em História – PPGHIST; Mestre pelo Programa de Pós - Graduação em Sociologia (PPGS) - Universidade Federal do Maranhão/UFMA. E-mail: bezaliel.junior@outlook.com

<sup>144</sup> Doutor em Teologia pela Absolute Christian University/Flórida – USA; Mestre em Teologia pela faculdade EST –São Leopoldo–RS. E-mail: prof.jonassantin@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Assembleia de Deus; Pentecostalismo; CPAD; Fichas; Alto Turi.

## **ABSTRACT**

This article analyzes the historical trajectory of the Assemblies of God in Brazil based on the periodization proposed by Gedeon Alencar (2019), which divides the movement into four phases: pioneering (1911–1930), institutional consolidation (1930–1960), expansion (1960–1980), and diversification (1980–present). The approach seeks to understand how Assemblies of God Pentecostalism took root and consolidated itself as one of the country's main religious expressions, articulating faith, organization, and culture. The second part of the study focuses on the history of the Assemblies of God in the municipality of Zé Doca, located in the Alto Turi region of Maranhão. The main source used is Rímilla Queiroz de Araújo's work, *\*The History of the Assemblies of God in Zé Doca: Leadership, Identity, and Control\**, which investigates the internal dynamics of the church in the city. The research highlights the role of the founding leaders, Pastor José Arcaño de Deus and Pastor Silva, and analyzes the use of CPAD records, which the Church uses as a mechanism for institutional control and the construction of a contextualized Assembly of God identity. The study concludes that Zé Doca's experience reflects both the denomination's national guidelines and specific adaptations to the regional context, highlighting how local history enriches the understanding of Brazilian Pentecostalism.

**Keywords:** Assembly of God; Pentecostalism; CPAD; Files; Alto Turi.

## **1. RAÍZES E ROTAS DO PENTECOSTALISMO: A INSCRIÇÃO HISTÓRICA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**

As Assembleias de Deus no Brasil foram fundadas em 1911. Seu desenvolvimento institucional, social e econômico ocorreu a partir da segunda década do século XX, alcançando uma parcela considerável da população em poucas décadas. Atualmente, a denominação tornou-se a maior igreja do campo religioso pentecostal brasileiro.

O movimento que se espalhou em 1906 nos EUA não ficou restrito somente àquele país.<sup>145</sup> Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da igreja, migraram para o norte do Brasil e trouxeram os fundamentos da nova doutrina (Batismo com Espírito Santo e Glossolalia). Emílio Conde, um dos primeiros a registrar a história das Assembleias de Deus no Brasil afirma que era um dia de sol causticante dos trópicos, quando os jovens missionários chegaram a terras brasileiras. Não tinham amigos ou conhecidos na cidade, não tinham endereço, nem alguém para recebê-los.<sup>146</sup> Ao chegarem ao país, 19 de novembro de 1910, passaram a congregar em uma denominação histórica protestante que desde 1897 já concorria com a Igreja Católica na região – Primeira Igreja Batista do Pará (PIBPA), liderado por Erik Nilsson, também sueco, que fora enviado pela Igreja Batista norte-americana.

Embora todos os registros oficiais contassem que a escolha do Brasil fora totalmente irracional e impregnada da presença do sagrado e de suas manifestações, na comunicação de sua vontade para a vida dos missionários, registra que havia um pastor batista sueco em Belém, que emigrou para os Estados Unidos aos sete anos, de nome Erik Nilsson (ou Eurico Nelson, como era chamado pelos brasileiros) que, desde 1897, fundara igrejas na região amazônica. É provável que nos relatos que enviou à comunidade batista nos Estados Unidos, Nilsson tenha mencionado seu trabalho como missionário no Pará. Berg (1995, p. 70) registra que ao chegarem ao Brasil (em 19 de novembro de 1910), hospedaram-se em um pequeno hotel e que no dia seguinte, quando tomavam café no refeitório do hotel, encontraram um jornal escrito por um pastor metodista chamado Justos Nelson, com quem Gunnar Vingren já havia se encontrado nos Estados Unidos e com o

---

<sup>145</sup> Todos os caminhos pentecostais passam, necessariamente, pelos Estados Unidos, não importa de que nacionalidade o missionário seja. Europeu ou não, ele primeiro passa pela experiência do movimento *hollines* nos EUA, para depois se espalhar pelo mundo. Foi do círculo de Willian Durham (1873-1912) que os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren saíram dos EUA para implantar o pentecostalismo no Brasil. (COSTA, 2011, p. 47).

<sup>146</sup> CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus*. Belém: CPAD, 1960, p.16.

jornal em mãos saíram pela cidade à procura da residência do mesmo, até encontrar.<sup>147</sup>

Logo as coisas pareciam se acomodar. Vingren começou a auxiliar o pastor batista local, dirigindo cultos e orações na casa dos membros da congregação. Doações de amigos do exterior, venda de Bíblias, bem como a profissão que Daniel Berg exercia de fundidor, era o que trazia o sustento para os jovens pastores. Vingren estudava a língua portuguesa para a preparação dos sermões na Igreja Batista, e à noite repassava o aprendizado da língua ao companheiro de trabalho, Berg. Ainda para Costa, parecia que os dois missionários ocupariam a liderança da PIBPA. Entretanto, logo os conflitos começaram, sobretudo, quando os jovens pastores passaram a ministrar sobre a doutrina do Espírito Santo, ensinando haver um novo batismo, dessa vez espiritual, que culminaria em falar outras línguas (glossolalia). Erik Nilsson teria repreendido Vingren, pedindo que não pregasse novamente esse tipo de doutrina. O jovem missionário não respeitou a posição de Nilsson e o cisma foi instaurado.<sup>148</sup>

A repreensão ou perseguição, como foi entendido pelos missionários, gerou um desconforto que trouxe a divisão do grupo. Os missionários insistiram no ensino da nova doutrina e foram convidados a se retirarem da congregação batista.

No princípio pensávamos que estivéssemos tratando com um verdadeiro cristão, mas depois agradecemos a Deus por Ele nos ter livrado das garras daquele homem. O inimigo havia preparado uma cilada muito astuta para nos desviar da vontade de Deus, e dessa maneira desfazer completamente o

---

<sup>147</sup> COSTA, Moab César Carvalho. *Mudança de ethos do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo*. Estudo de caso: a Assembleia de Deus em Imperatriz-MA. (Mestrado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011, p.51.

<sup>148</sup> COSTA, 2011, p.51.

plano do Senhor para a obra pentecostal no Brasil por nosso intermédio.<sup>149</sup>

Esse acontecimento não passou despercebido em Belém. Outros líderes da IBPA disseminaram que os dois jovens missionários eram fanáticos e que não se submetiam às regras da instituição. Relata-se que se submetiam a incansáveis horas de oração, além de outras práticas religiosas como o jejum, que segundo Daniel Berg e Vingren, contribuía para a constante manifestação da experiência religiosa pentecostal. Esse conflito institucional chegou ao fim em 10 de junho de 1911, quando uma fiel pertencente ao rol de membros da Igreja Batista de Belém do Pará (IBPA), Celina de Albuquerque primeira brasileira<sup>150</sup> a receber o batismo com o Espírito Santo, por intermédio do ministério de Daniel Berg e Gunnar Vingren, começou a falar em línguas estranhas (glossolalia). Em decorrência desse acontecimento, foi expulsa da igreja juntamente com outros dezesseis membros. A residência de dona Celina passou, então, a ser o primeiro espaço destinado às reuniões e demais manifestações espirituais do novo movimento religioso no Brasil. Outros membros dissidentes da IBPA e novos que se

---

<sup>149</sup> VINGREN, 2000 apud MOTA, 2013, p.39.

<sup>150</sup> Alguns estudos, como os de Araújo (2014) e Alencar (2000), contestam a afirmação de que a irmã Celina Albuquerque tenha sido a primeira brasileira a receber o batismo no Espírito Santo. Esses autores questionam a narrativa amplamente difundida de que Celina teria sido a primeira pessoa no Brasil a vivenciar tal experiência espiritual. Argumentam, ainda, que, em Santa Catarina, havia um grupo de batistas de origem lituana entre os quais se encontravam fiéis de orientação pentecostal, destacando-se o nome do pastor Pedro Graudim. Tal fato, segundo os autores, implicaria a perda da primazia pentecostal da Assembleia de Deus em território brasileiro. Registra-se que o pastor batista Paulo Malaquias recebeu o batismo no Espírito Santo em 1908, na localidade de Ramada, município de Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul. De modo semelhante, o pastor leto-batista Pedro Graudim teria vivenciado a mesma experiência em 1909, em Guaramirim (antigo Bananal), no estado de Santa Catarina. Nesse mesmo ano, Karlis Andermanis, pastor da Igreja Leto-Batista de Rio Novo (SC), também recebeu o batismo no Espírito Santo, com evidência do falar em línguas estranhas.

agremiaram, os dois missionários suecos chamaram o novo trabalho de Igreja da Fé Apostólica, com o mesmo formato norte-americano.<sup>151</sup>

O trabalho foi iniciado no dia 18 de junho de 1911, tendo como pastores Gunnar Vingren e seu auxiliar, Daniel Berg. O nome da mais nova denominação pentecostal brasileira era muito semelhante ao da famosa igreja norte-americana na Azusa Street, em Los Angeles, Missão da Fé Apostólica, que havia sido fundada por um pastor negro, William Seymour, em 1906. Contudo, anos mais tarde, a igreja brasileira decidiu mudar o nome para Assembleia de Deus.

A igreja fundada pelos missionários suecos no Brasil só registrou o estatuto de pessoa jurídica sete anos depois, embora seu primeiro templo tenha sido inaugurado em 1914 no país. O nome “Assembleia de Deus” foi registrado somente em 1918.<sup>152</sup> A adoção do novo nome instaurou dúvidas entre as primeiras lideranças, visto que Assembleia de Deus estava associado à denominação norte americana *Assemblies of God*, fundada em 1914, defensora da segregação racial, uma instituição estruturalmente branca e elitizada. E “essa não era a intenção dos missionários”.<sup>153</sup>

A Igreja cresceu aceleradamente, sendo que na fase inicial concentrou seu processo de expansão nas regiões norte e nordeste do Brasil. O estado do Pará, bem como as demais localidades que estavam no raio de atuação dos missionários, foram as primeiras regiões a experimentarem a nova doutrina pentecostal. Depois foi o Ceará em 1914, Alagoas em 1915, Pernambuco e Amapá em 1916, Maranhão em 1922 e Rio Grande do Sul em 1924. Esse

---

<sup>151</sup> COSTA, 2011, p.52.

<sup>152</sup> O nome Assembleia de Deus foi panteado em 1958 pela AD de Porto Alegre, dirigida pelo missionário sueco Gustav Nordlund, criando um mal-estar com a Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB). Em 2004, no entanto, a AD de Porto Alegre transferiu a patente à CGADB. (FARJADO, 2015, p.4).

<sup>153</sup> ALENCAR, Gedeon. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus*. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, 2000, p.57.

crescimento chega a ser “aleatório, desordenado, porém, persistente”. Não se percebe uma organização administrativa, nem um projeto estabelecido pela liderança da instituição. A igreja se multiplicava com a abertura de novos templos.

O trabalho de Gedeon Freire de Alencar, dá a dimensão desse processo inicial. O título da pesquisa indica o dinamismo da instituição: *Todo Poder aos Pastores, Todo Trabalho ao Povo, Todo Louvor a Deus. Assembleia de Deus: Origem, Implantação e Militância (1911 – 1946)*. Alencar divide em 3 períodos ou fases a história das Assembleias de Deus. A primeira vai de 1911 até 1930, onde se entende como o momento de implantação das “seitas pentecostais”, tendo como principais fatos a construção do primeiro templo.<sup>154</sup> Fazia-se necessário, os aparatos de organização mais adequados para reger o crescimento da igreja no campo religioso brasileiro. Em 1929, vários pastores das AD do norte e nordeste do país se reuniram na cidade de Natal para pensarem estratégias e refletirem sobre o crescimento acelerado da instituição. Neste mesmo período, a igreja fundada pelos suecos passaria por várias mudanças e conflitos internos, sobretudo, em relação às lideranças. Os pastores brasileiros decidiriam também que a Igreja Assembleia de Deus no Brasil precisaria andar com *suas próprias pernas*, tornando-se independente das missões estrangeiras.<sup>155</sup>

O segundo período vai de 1930 a 1946, momento de consolidação e crescimento da instituição no estado do Pará. Nesse período a denominação

---

<sup>154</sup> ALENCAR, 2000, p.45.

<sup>155</sup> Antes da convenção de 1930, os obreiros nacionais, todos do Nordeste, reuniram-se de 17 a 18 de fevereiro de 1929, em Natal. Sem a presença de nenhum missionário sueco, decidiram que já era hora da igreja se tornar autônoma da Missão Sueca, principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Estavam presentes naquele encontro os pastores Cícero Canuto de Lima, Francisco Gonzaga da Silva, Antônio Lopes, Ursulino Costa, José Amador, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa, Francisco César, Natanael Figueiredo e Pedro Costa. (COSTA,2011).

passou a instituir diácono e presbítero em sua hierarquia<sup>156</sup>.<sup>157</sup> Nesta fase de institucionalização da igreja, desenvolve-se um jornal de circulação nacional<sup>158</sup>, funda-se uma convenção (a CGADB)<sup>159</sup> e organiza-se uma editora (a CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus). Nesse ínterim, os primeiros missionários suecos que vinham de um país protestante acabaram questionando o modelo de institucionalização que a Assembleia de Deus enfrentara. Passar pelos rituais de modernização burocrática enfatizada pela sociedade seria retroagir aos modelos das denominações protestantes históricas. Esses missionários fundadores haviam passado por experiências desagradáveis antes da chegada ao Brasil. O sistema centralizado da igreja hegemônica e estatal na Suécia, que chegou a perseguir a “minoría batista” na região, atemorizava os fundadores.<sup>160</sup>

Aconteceu entre os dias 5 e 10 de setembro de 1930, em Natal-RN, o que os missionários suecos mais temiam: nova forma organizacional da denominação. A primeira reunião da CGADB, organizada pelos pastores nacionais das frentes

---

<sup>156</sup> A hierarquia assembleiana tem a presumível pirâmide: na base, auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor, e no topo, o pastor-presidente. No entanto, até hoje, há alguns Ministérios que não consagram presbíteros, pois entendem que esta designação é sinônima de pastor. (ALENCAR, 2019).

<sup>157</sup> ALENCAR, 2000, p.46.

<sup>158</sup> Cabe lembrar: Em novembro de 1917, os pastores Almeida Sobrinho e João Tigreiro, criaram o Jornal periódico, “A voz da Verdade”, que tinha função de trazer notícias sobre as Assembleias de Deus em Belém. O Jornal só circulou um ano. Em 1919, o pastor Gunnar Vingren, funda outro periódico chamado “Boa Semente”, em Belém, objetivando divulgar as doutrinas da Igreja e concentrar informações acerca de ADs em outras regiões. Esse periódico circulou até 1929. Com o deslocamento do Pastor Vingren para o Rio de Janeiro, o mesmo cria outro periódico chamado “Som Alegre”. Na Convenção de 1930, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, entram em consenso para a criação de um único órgão oficial da denominação, capaz de congregar esses e outros objetivos, como fonte de informações oficiais. Neste caso surge o “Mensageiro da Paz”, com sua primeira edição tirada em 1º de dezembro de 1930. (ALMEIDA, 2016, p.104).

<sup>159</sup> A CGADB tem início em 1930, com sua primeira assembleia geral na cidade de Natal. Em 2004 a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) lança os anais das convenções gerais de 1930 até 2003. (COSTA, 2011, p.41).

<sup>160</sup> FARJADO, Maxwell Pinheiro. *Assembleia de Deus no Brasil: uma Igreja que cresce enquanto se fragmenta*. Assis: UNESP, 2015, p.82.

Norte e Nordeste, foi presidida pelo pastor Cícero Canuto de Lima, um pastor brasileiro. Entre as principais pautas se discutia: o relatório de trabalhos já realizados pelos missionários, autonomia do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste, bem como da nova liderança, consolidação de outros instrumentos de doutrinação, e o trabalho feminino na igreja.<sup>161</sup> Nesta primeira convenção, reuniram-se 27 pastores, entre os quais, 11 eram missionários suecos. Estava entre eles, Frida Vingren, esposa do pastor sueco Gunnar Vingren e Lewy Pethrus, que veio da Europa. Pethrus era o pastor titular da Igreja Filadélfia de Estocolmo, que desde 1917, enviava missionários para o Brasil para ajudar Daniel Berg e Gunnar Vingren.

Na visão dos missionários pioneiros (Berg e Vingren), a participação da principal liderança, Pethrus, que no início financiou as primeiras empreitadas para o desenvolvimento das ADs no Brasil, com doações financeiras e recursos humanos, poderia evitar uma possível separação entre os missionários suecos e pastores brasileiros. Na convenção geral, Lewy Pethrus decidiu entregar a liderança das ADs Norte e Nordeste aos pastores brasileiros, além de permitir um sistema de igrejas livres com autonomia para potencializarem seu desenvolvimento interno. Assim, foi entregue a líderes locais o controle dos templos fundados nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.<sup>162</sup>

Outro encaminhamento encabeçado da primeira convenção foi que, uma vez consolidados os trabalhos nessas primeiras regiões, os missionários deveriam direcionar seus esforços para as regiões mais ao Sul do Brasil, onde a igreja poderia igualmente se desenvolver. Consolidado o trabalho nas regiões iniciais, a permanência de conflitos entre alguns pastores brasileiros e missionários suecos, a

---

<sup>161</sup> FARJADO, 2015, p.81.

<sup>162</sup> COSTA, 2011, p.55.

relevância dos encaminhamentos e deliberações da primeira reunião geral, contribuíram para a transferência do centro de poder da instituição das AD de Belém para o Rio de Janeiro, então capital do país, como parte da estratégia de desenvolvimento. A intenção era deixar o nordeste “livre” para as lideranças dos pastores brasileiros. O ano de 1930 foi um marco na história da AD, onde a instituição vivenciou uma nova fase, com mais autonomia. Os suecos continuariam exercendo grande influência sobre os rumos da Assembleia de Deus brasileira até 1951.

Apesar da autonomia concedida, os suecos continuaram com grande influência sobre os rumos da AD brasileira, principalmente sobre os aspectos ligados às crenças, costumes, doutrinas e posições teológicas. Mesmo depois da autonomia de 1930, os suecos presidiram a Convenção Geral, por quatorze mandatos, entre o período de 1931 a 1951. Só o missionário Samuel Nyström a presidiu por nove mandatos. Nyström foi o principal responsável pelas concepções teológicas adotadas pela AD, até os dias de hoje, devido à sua postura, contrária à criação de instituições de ensino teológico e pela consagração de mulheres ao ministério da igreja.<sup>163</sup>

Nesse momento as ADs passavam a desenvolver sua estrutura institucional, criando os próprios instrumentos de comunicação, elementos que foram importantes para a construção de um *ethos* assembleiano, como: hinário, denominado como Harpa Cristã; jornais; revistas de escolas bíblicas (EBD)<sup>164</sup>, etc. Essas iniciativas serviriam para a construção de uma identidade institucional. A centralidade desses órgãos de comunicação continuaria sob posse dos pastores suecos.

---

<sup>163</sup> COSTA, 2011, p.55

<sup>164</sup> As revistas da EBD, Escola Bíblica Dominical, são lançadas em 1922 como suplemento do Jornal Boa Semente, escritas por Samuel Nystron, para reuniões de estudos bíblicos e existem até hoje. É muito interessante esta ênfase no estudo, até porque vai contra o estereótipo pentecostal avesso ao estudo formal. Na história da AD, no texto final, se diz ufanisticamente que se vende mais de 2 milhões de revistas da EBD por semestre. (ALENCAR, 2000, p.105).

Os Jornais, livros, revistas da EBD e hinários da harpa cristã são considerados os principais instrumentos de doutrinação das Assembleias de Deus no Brasil. São elementos cruciais para a unificação das crenças e do comportamento da denominação, servindo também como veículos de inculcação de valores do *ethos* assembleiano. Criaram dois jornais encabeçados por duas lideranças estratégicas para a instituição: Jornal Boa Semente, produzido em Belém por Samuel Nystrom; e, Som Alegre, que passou a ser produzido no Rio de Janeiro por Gunnar Vingren e sua esposa Frida. Na Convenção Geral de 1930, decidiram unir os dois periódicos, passando a ser chamado de o Mensageiro da Paz, editado por Samuel e Frida no Rio de Janeiro.

O terceiro período da história das ADs no Brasil foi marcado pela oficialização e consolidação da instituição em relação a todos os estados brasileiros, a partir de 1946. Neste ano, observa-se a evolução das Assembleias de Deus no Pará, Amazonas e Maranhão. É nesse momento que a CPAD se registra estatutariamente, passando a ser considerada um órgão oficial da igreja.<sup>165</sup>

A partir daqui pensaremos em uma quarta fase, entre os anos de (1950-1991), marcada por um crescimento considerável no país, com ênfase em uma estratégia de trabalho denominada pelos membros como trabalho missionário, e também pela criação e divisão em *ministérios*<sup>166</sup>. Em 1961, as Assembleias de Deus já contavam com um milhão de membros. Entende-se que a expressão social conquistada pela AD enquanto instituição ao longo das primeiras décadas do século XX, segue garantindo muitos benefícios. A medida que a igreja crescia, aumentava também a disputa interna pelo poder.

---

<sup>165</sup> ALENCAR, 2000, p.47.

<sup>166</sup> Cria-se aqui o conceito de “Ministério”, sem o qual não é possível entender a configuração atual da AD. O Ministério, no sentido corporativo-institucional, diz respeito aos grupos de igrejas liderados por um mesmo pastor-presidente e que têm autonomia administrativa em relação aos demais Ministérios, podendo manter ou não um vínculo com uma convenção de abrangência nacional, como a CGADB. (FARJADO, 2015, p.8).

Seu processo de expansão não foi projetado, no sentido de uma coordenação forte nacional, como afirmado, e sim fruto da iniciativa de homens e mulheres, em sua maioria leigos, muitos deles em processo de migração, fugindo das secas das regiões norte e nordeste, em busca de uma melhor qualidade de vida. Onde se estabeleciam, inauguram pequenas comunidades de fé com base da doutrina pentecostal, gerando grande capilaridade para essa igreja. Dessa forma, analisamos a Assembleia de Deus, representante do pentecostalismo clássico no Brasil, em um espaço cheios de debate histórico/sociológico. Em 2021 a AD completou 110 anos de sua implantação, entre litígios, mudanças profundas e cisões.

## **2. INSTITUCIONALIZAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO ORGANIZACIONAL DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO ALTO TURI (MA)<sup>167</sup>**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o povoado localizado no continente do estado do Maranhão foi fundado em 8 de julho de 1958 pelo senhor José Timóteo Ferreira, conhecido como Zé Doca, juntamente com sua esposa, Maria Ferreira, seus quatorze filhos e outras dez famílias oriundas do município de Camocim, no estado do Ceará. Esses grupos de migrantes estabeleceram-se na região do Alto Turi, onde formaram um núcleo inicial de povoamento que, ao longo do tempo, evoluiu para um vilarejo. A área da ocupação original passou a ser conhecida como “Centro” e, posteriormente,

---

<sup>167</sup> A região do Alto Turi maranhense está localizada predominantemente no ecossistema floresta, com alguma presença também do cerrado. Todo o seu perímetro encontra-se na chamada Amazônia maranhense, região de floresta influenciada pelo rio Turiaçu, que nasce na própria região, na serra da Desordem. Os municípios que a compõem atualmente são: Araguaianã, Governador Newton Belo, Nova Olinda do Maranhão, Presidente Médici, Santa Luzia do Paruá e Zé Doca, além de outros municípios vizinhos que compõem a microrregião do Pindaré. A extensão territorial total do Alto Turi maranhense é de 8.185km<sup>2</sup> e sua população de aproximadamente 120 mil habitantes (Silva, 2012. p.49).

como Zé Doca, em homenagem ao senhor José Timóteo Ferreira, uma das primeiras lideranças do lugarejo, destacando-se regionalmente em virtude das riquezas naturais presentes em seu entorno.

A historiografia aponta que a formação da cidade de Zé Doca ocorreu a partir da chegada de migrantes oriundos de diferentes regiões do Maranhão, bem como de outros estados do Nordeste brasileiro. Esses fluxos migratórios foram impulsionados, sobretudo, pela seca e pelas dificuldades socioeconômicas enfrentadas em suas localidades de origem. A busca por terras férteis, disponibilidade de recursos naturais e a esperança de melhores condições de vida motivaram essas famílias a se estabelecerem na região. Zé Doca está localizada entre os rios Turiaçu e Pindaré, o que proporcionou condições favoráveis à fixação populacional, como acesso à água, pesca e agricultura. A posição geográfica estratégica também contribuiu para o desenvolvimento da cidade, favorecendo a circulação de pessoas e mercadorias. Atualmente, o município é reconhecido como um dos principais centros urbanos da região do Alto Turi<sup>168</sup>, conhecida como a Metrópole do Turi, desempenhando um papel relevante no contexto regional tanto do ponto de vista econômico quanto social.<sup>169</sup>

Os fundadores da Assembleia de Deus em Zé Doca foram atraídos pelo desenvolvimento econômico. Muitos deles fugiam da fome e seca no Estado do Piauí, e migraram para o Maranhão procurando melhores condições de vida. O desenvolvimento preparava o ambiente adequado para a consolidação da AD no campo religioso na Região do Alto Turi. Sem embargo, o processo de urbanização acelerado era desajustado, sem infraestrutura adequada, ocasionando problemas e

---

<sup>168</sup> Para mais informações sobre as características populacionais e administrativas da região do Alto Turi, consultar: MARTINHO, Mailson. *O ensino da história local na rede pública municipal de Zé Doca: um olhar sobre os conteúdos trabalhados e suas fontes*. São Luís, 2022. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

<sup>169</sup> MARTINHO, 2022.

mazelas sociais à medida que a cidade crescia. Faltava escola, moradia adequada, saneamento básico, havia altos índices de criminalidade, insegurança, etc. Foi nesse cenário que essa igreja se desenvolveu em Zé Doca.

A presença das instituições religiosas teve papel fundamental na organização social e cultural do antigo vilarejo de Zé Doca. Um marco importante nesse processo foi a fundação da Assembleia de Deus no local, ocorrida em 1960, sob a liderança do pastor José Arcanjo de Deus e Silva<sup>170</sup>. A instalação dessa igreja não apenas contribuiu para a consolidação da fé evangélica na região, mas também desempenhou um papel relevante na estruturação comunitária, promovendo atividades sociais, educacionais e de apoio espiritual à população local. À época, Zé Doca ainda era um pequeno vilarejo, sem status político-administrativo definido. Somente em 1987, a localidade foi oficialmente elevada à categoria de município e distrito, com a denominação de Zé Doca, consolidando-se como um importante centro urbano da região do Alto Turi.

Ainda sobre o pastor fundador da Assembleia de Deus em Zé Doca, sua primeira atividade laboral foi como pedreiro, ofício que exerceu desde a infância. Aos dezoito anos, mudou-se para Teresina, capital do estado do Piauí, com o objetivo de servir no Exército Brasileiro. Em pouco tempo, foi promovido ao posto de cabo e, conforme relatado por sua viúva, Irmã Maria das Neves Fonseca e Silva, participou da Revolta Paulista de 1932. Sua primeira esposa, Sinobilina Sales, com quem viveu por um período significativo em Alto Longar, era oriunda de uma família influente na sociedade local; seu pai, inclusive, exerceu por duas vezes o cargo de prefeito daquele município.<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> O Pastor José Arcanjo nasceu no dia 12 de outubro de 1914 na cidade de Alto João de Paiva – PI, filho de Manoel Arcanjo de Deus e Joana Francisca da Paz, sendo o oitavo filho. Sua família era composta por 11 filhos e não eram evangélicos.

<sup>171</sup> Irmã Neves, 2019 - As entrevistas para esta pesquisa foram realizadas pela autora Rimila Queiroz de Araújo entre familiares como sua esposa, a missionária Maria das Neves, o literato e médico Michel Florêncio, a dirigente do Círculo de Oração irmã Maria

O pastor José Arcanjo de Deus e Silva esteve à frente da denominação por aproximadamente trinta anos, entre 1960 e 1996. Nesse período, a Igreja Assembleia de Deus em Zé Doca passou por um processo gradual de institucionalização e expansão. Inicialmente formada como uma pequena congregação situada em um vilarejo, a igreja transformou-se, ao longo das décadas, em uma importante referência religiosa no município, consolidando sua estrutura administrativa, ampliando o número de congregações e estendendo sua atuação a diversos bairros e povoados da região. Atualmente, a igreja é filiada à Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão (CEADEMA). Para além de seu papel estritamente religioso, a Assembleia de Deus em Zé Doca consolidou-se como uma força atuante no campo social, promovendo ações comunitárias, atividades educativas e eventos de cunho cultural e espiritual que impactam diferentes segmentos da população.

No que se refere ao papel da política na estrutura da Igreja Assembleia de Deus em Zé Doca, observa-se que, por volta de 1996, a instituição elegeu seu primeiro representante ao poder legislativo municipal: o irmão João José Santos Sousa, conhecido como “Sousinha”. Esse fato só voltaria a ocorrer em 2004, com a eleição do irmão José Valdiná de Oliveira, popularmente conhecido como “Solteiro”, para a Câmara de Vereadores. É relevante destacar que, em ambos os casos, verificou-se um padrão semelhante: o afastamento dos referidos membros da vida eclesiástica após o ingresso na vida pública.

No entanto, o alinhamento orgânico da instituição começou a se consolidar bem antes, a partir de um projeto idealizado pelo pastor José Arcanjo, que buscava promover a transformação da sociedade por meio da criação de uma escola de caráter confessional, voltada à formação das novas gerações com base

---

Luiza Ramos e o filho de pastor José Arcanjo e Irmã Neves, o protético conhecido popularmente na comunidade zedoquense como “Zuzu”

nos valores da Assembleia de Deus. Esse projeto concretizou-se em 1986, com a fundação da Escola João Evangelista, localizada na Rua das Flores, na região central de Zé Doca. A principal missão da instituição era oferecer à sociedade zedoquense um modelo de educação fundamentado nos pressupostos cristãos e evangélicos.

A história das Assembleias de Deus em Zé Doca pode ser dividida em três ciclos fundamentais, definidos a partir de suas lideranças: a Era José Arcanjo (1960–1996); a Era de constantes mudanças de pastorado, marcada pela sucessão de líderes como os pastores Agostinho, Zezinho, Elias, Amâncio e Heitor; e a Era de Estabilidade, sob a liderança do pastor Antônio João Pereira Martins. A fase de estabilidade da Assembleia de Deus em Zé Doca, sob a direção do pastor Antônio João, teve como principal característica a expansão do número de fiéis, a construção e implantação de novas congregações, bem como o aumento da visibilidade social da igreja, especialmente por meio de eventos em espaços públicos, como as denominadas *Cruzadas Evangelísticas*. Essa etapa foi interrompida de forma abrupta em 2021, com o falecimento precoce do pastor Antônio João, vítima da COVID-19.

### **3. INSTRUMENTOS DE REGISTRO E CONTROLE: A FUNÇÃO DAS FICHAS DA CPAD<sup>172</sup> NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS**

Para Le Goff, os documentos assumem uma função estratégica e indiscutivelmente central no trabalho do historiador, porque eles não são meros vestígios neutros do passado, mas sim produtos das relações de poder, escolhas

---

<sup>172</sup> Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) é uma editora cristã brasileira. Suas atividades iniciaram-se em 13 de março de 1940, no Rio de Janeiro, quando deu início à sua organização jurídica na cidade do Rio de Janeiro.

sociais e do tempo, que permitem reconstruir não só os acontecimentos, mas os sentidos, representações e memórias que uma sociedade deseja preservar ou projetar.<sup>173</sup> Eles atuam como instrumentos epistemológicos essenciais para que o historiador “faça a história” com consciência crítica, distinguindo memória e ficção, e avaliando como as sociedades escolheram lembrar ou esquecer.

Nesse sentido, portanto, à luz da perspectiva de Le Goff, as fichas da CPAD podem ser compreendidas como documentos/monumentos, que servem não apenas para registrar dados, mas para construir uma narrativa oficial da comunidade de fé, exercer controle sobre os corpos e comportamentos, e mediar a memória institucional da igreja ao longo do tempo.

É nesse movimento que se insere o trabalho de Rimilla Queiroz Araújo, intitulado *A história das Assembleias de Deus em Zé Doca: liderança, identidade e controle* (2023), monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual do Maranhão, Programa Ensinar, Zé Doca.

Na primeira parte do trabalho, a autora se debruça sobre a compreensão dos protestantes/evangélicos ao longo do tempo, ampliando as discussões sobre o que significa ser evangélico no Brasil, além de descrever a chegada das Assembleias de Deus ao país em 1911 e sua introdução no Maranhão. No segundo momento, Rimilla Queiroz destaca a inserção do pentecostalismo na região do Alto Turi, com a chegada da Assembleia de Deus em Zé Doca. Por fim, a autora analisa as fichas da CPAD como documentos históricos, com o objetivo de sustentar sua reflexão acerca do uso desses registros como instrumentos de controle e dominação por parte da instituição.

A trajetória das Assembleias de Deus se confunde com a própria história do município de Zé Doca, e no que tange a sua memória documental, os arquivos


---

<sup>173</sup> LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Tradução de Maria Lucia Machado. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 535–549.

da instituição podem ser ferramentas reveladoras de seu processo histórico de construção da sua imagética, representação e narrativas quanto ao seu lugar social.

Para Araújo (2014), As fichas da CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) funcionam, dentro do contexto eclesiástico, como documentos que registram, controlam e organizam a vida comunitária dos fiéis, incluindo informações sobre batismo, membresia, desligamentos, consagrações, entre outros aspectos da vida religiosa. Assim como Le Goff aponta que todo documento é, ao mesmo tempo, monumento, ou seja, uma construção intencional da memória coletiva, essas fichas não são registros neutros, mas fruto de escolhas institucionais, doutrinárias e administrativas da denominação.

**Figura 01:** Ficha da irmã Ireni Dias Crispin, empresária e tesoureira do Círculo de Oração da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Zé Doca.

|   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| Espaço acima reservado ao nome e endereço da igreja                                     |  | REG. 30  |  |
| NOME Ireni Dias Crispin   |  | SEXO <input type="checkbox"/> MASC. <input checked="" type="checkbox"/> FEM. |  |
| FILIAÇÃO Francisca Regina de Souza e João P. Crispin                                    |  |  |  |
| DATA NASC. 11-01-76   | NACIONALIDADE Brasileira   | NATURALIDADE Ceará   | ESTADO/PAIS  |
| ESTADQ CIVIL Solteira   | INSTRUÇÃO <input type="checkbox"/> PRIMÁRIO <input checked="" type="checkbox"/> SECUNDÁRIO <input type="checkbox"/> SUPERIOR <input type="checkbox"/> TÉCNICO <input type="checkbox"/> TEOLÓGICO | PROFISSÃO Comerciante  |  |
| IDENTIDADE N°   | ORIGEM   | CPF  |  |
| CÔNJUGE   |  | N° FILHOS  |  |
| DATA BATISMO ÁGUAS 25-08-62   | LOCAL Antena Navas PB  | BATISMO ESP. SANTO Sim   |  |
| RECEBIDO COM CARTA <input checked="" type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO | POR ACLAMAÇÃO <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO  | DATA   | MOTIVO   |
| IGREJA DE PROCEDÊNCIA Antena Navas PB   | CARGO QUE OCUPAVA Professora   | NA QUANTO TEMPO? 5 Anos  |  |
| ENDEREÇO RESIDENCIAL Rua José Sarney nº 56  | CIDADE Zé-Doca   | CEP  | TELEFONE   |
| BAIRRO  | ESTADO Maranhão  | ASSINATURA Ireni Dias Crispin  |  |

**Fonte:** Dos arquivos das Assembleias de Deus em Zé Doca (IEADZC). As fichas estão organizadas em portfólios na secretaria da igreja e são utilizadas para distribuir o perfil dos membros.

A opção metodológica pelo recorte de gênero feminino fundamenta-se na leitura da obra *Matriz Pentecostal Brasileira*, de Gedeon Freire de Alencar, na qual o autor dedica parte de sua análise à posição ocupada pelas mulheres no interior das Assembleias de Deus.<sup>174</sup> A realidade observada na Assembleia de Deus em Zé Doca corrobora os apontamentos do autor, evidenciando que, embora a composição das igrejas assembleianas no Brasil seja majoritariamente feminina — sendo as mulheres as principais responsáveis pela condução dos trabalhos, organização das atividades e sustentação das práticas comunitárias —, elas permanecem à margem dos espaços decisórios e administrativos da instituição. Apesar de sua expressiva presença e atuação, as mulheres são sistematicamente excluídas das esferas de poder e gestão eclesial. Diante desse cenário, optou-se por não incluir fichas de perfil masculino na análise documental. A escolha pelas fichas femininas, portanto, está ancorada no compromisso com a valorização de vozes historicamente silenciadas e na intenção de contribuir para a problematização das relações de poder e gênero no contexto do pentecostalismo brasileiro.

Como exemplo, tem-se o caso da irmã Ireni Dias Crispin, que nunca se casou, dedicou-se por muitos anos à função de tesoureira do Círculo de Oração e constituiu família por meio da adoção de filhos. Empresária do ramo de armarinho na região, atuou de forma ativa e contínua nas atividades da Assembleia de Deus em Zé Doca, especialmente no Círculo de Oração. No entanto, apesar de sua longa trajetória de serviço e dedicação, jamais foi reconhecida oficialmente por sua atuação no ministério. Ademais, observa-se que a ficha de registro institucional resume sua identidade apenas aos aspectos que a

---

<sup>174</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

igreja considera relevantes, evidenciando uma representação limitada e institucionalizada do perfil dos membros.

Observa-se, na estrutura da ficha apresentada, a presença de informações que são fundamentais para a compreensão da dinâmica organizacional e doutrinária instituída pela Assembleia de Deus em sua rotina institucional. Um elemento particularmente relevante é a existência de uma seção destinada ao registro do Batismo no Espírito Santo, o que não apenas reforça a centralidade dessa experiência na teologia assembleiana, mas também evidencia o modo como a vivência espiritual dos membros é sistematizada e formalizada pela instituição.<sup>175</sup>

No contexto das Assembleias de Deus, as fichas assumem uma função estratégica semelhante à que Le Goff, atribui aos documentos históricos: elas são utilizadas para organizar e legitimar a história individual e coletiva dos membros, funcionando como instrumentos de poder simbólico, disciplinar e até mesmo teológico. Por meio delas, a igreja não apenas preserva uma memória institucional, mas seleciona o que deve ser lembrado, quem pode ou não ser incluído nos quadros oficiais, e quais trajetórias são consideradas dignas de registro.<sup>176</sup> No entanto, percebe-se o interesse da instituição em fixar um perfil padrão para seus membros. “As fichas acionam um esquecimento tático”, na medida em que organizam e legitimam determinadas dimensões da história individual, enquanto ignoram, por escolha institucional, outras áreas e habilidades da vida dos fiéis que congregam em suas comunidades. Trata-se de uma seleção criteriosa do que deve ser lembrado e registrado, alinhada aos valores e objetivos da própria organização religiosa.<sup>177</sup>

---

<sup>175</sup> QUEIROZ, 2023.

<sup>176</sup> LE GOFF, 1990.

<sup>177</sup> Queiroz, 2023, p. 38.

**Figura 02:** Ficha da irmã Raimunda J. Gonçalves, exerceu o cargo de zeladora na instituição. A Irmã Raimunda é avó da autora Rimilla Queiroz Araujo.

| Espaço acima reservado ao nome e endereço da igreja                                     |  |                                |  | REG. |
|---|--|--------------------------------|--|------|
| NOME <i>Raimunda J. Gonçalves</i>   |  |                                | SEXO <input type="checkbox"/> MASC. <input checked="" type="checkbox"/> FEM. |      |
| FILIAÇÃO <i>Fc. M. Gonçalves e Joaquina J. Barro</i>                                    |  |                                |  |      |
| DATA NASC. <i>06-01-21</i>  | LOCALIDADE <i>Barra Velha</i>  | NATURALIDADE <i>cearense</i>   | ESTADO/PAIS  |      |
| ESTADO CIVIL <i>casado</i>  | INSTRUÇÃO <input checked="" type="checkbox"/> PRIMÁRIO <input type="checkbox"/> SECUNDÁRIO <input type="checkbox"/> SUPERIOR <input type="checkbox"/> TÉCNICO <input type="checkbox"/> TEOLÓGICO | PROFISSÃO <i>Doméstica</i>     |  |      |
| IDENTIDADE Nº <i>81.016.558.MH</i>  | ORIGEM   | CPF                            |  |      |
| CONJUGE <i>Marcelo Antônio de Araújo</i>  |  |                                | Nº FILHOS <i>03</i>  |      |
| DATA BATISMO AGUAS <i>25-12-72</i>  | LOCAL <i>Araruama</i>  | BATISMO ESP. SANTO <i>Sem</i>  |  |      |
| RECEBIDO COM CARTA <input checked="" type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO | POR ACLAMAÇÃO <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO  | DATA                           | MOTIVO   |      |
| IGREJA DE PROCEDÊNCIA <i>Núcleo CC</i>  | CARGO QUE OCUPAVA <i>Zeladora</i>  | HA QUANTO TEMPO? <i>01 ano</i> |  |      |
| ENDEREÇO RESIDENCIAL <i>Rua Tingelutz No 93</i>   | CIDADE <i>Zé Doca</i>  | CEP                            | TELEFONE   |      |
| BAIRRO  | ESTADO <i>Maranhão</i>   | ASSINATURA                     |  |      |

**Fonte:** Dos arquivos das Assembleias de Deus em Zé Doca (IEADZC).

A irmã Raimunda não ocupava uma posição de destaque na sociedade de Zé Doca; era, em muitos aspectos, mais uma mulher comum, membro da Assembleia de Deus com tantas outras. O uso da ficha da irmã Raimunda serve para demonstrar que existiram e ainda existem mulheres quase anônimas dentro da igreja, que, apesar de suas limitações, ganharam algum espaço nesse levantamento institucional. Ela era uma presença constante na igreja, desempenhando alguma função, ainda que essas mulheres continuem, em muitos casos, inviabilizadas em termos de reconhecimento e participação nos espaços de poder e decisão. No entanto, essa segunda ficha segue a mesma estrutura e objetivo da primeira, acionando um esquecimento tático, como já mencionado anteriormente, especialmente em relação à instrução das mulheres nas Assembleias de Deus em Zé Doca. Na maior parte dos casos, o campo de escolaridade é preenchido, e no caso das irmãs, a ausência ou baixa escolaridade é

muito mais incidente do que entre os homens. Isso evidencia que a grande maioria feminina das Assembleias de Deus naquela época em Zé Doca era composta por mulheres que se declaravam como domésticas, refletindo um retrato não apenas do Maranhão e do Brasil, mas também do universo religioso, marcado pelo isolamento do potencial intelectual e criativo da mulher, restrita ao marido, ao lar e às tarefas secundárias dentro da estrutura da igreja.

Portanto, à luz da perspectiva de Le Goff, as fichas da CPAD podem ser compreendidas como documentos/monumentos, que servem não apenas para registrar dados, mas para construir uma narrativa oficial da comunidade de fé, exercer controle sobre os corpos e comportamentos, e mediar a memória institucional da igreja ao longo do tempo.

## CONCLUSÃO

A análise da trajetória histórica das Assembleias de Deus no Brasil, à luz da periodização proposta por Gedeon Alencar (2019), permitiu compreender como o movimento pentecostal se desenvolveu em diferentes fases, passando da experiência pioneira ao processo de diversificação e complexificação contemporânea. Essa abordagem evidencia a capacidade da denominação de se adaptar aos desafios históricos, sociais e culturais ao longo do tempo, mantendo sua vitalidade e relevância no cenário religioso nacional.

Ao direcionar o olhar para o contexto local de Zé Doca, no Maranhão, a pesquisa revelou como a implantação e o crescimento das Assembleias de Deus nesse município refletem, de maneira singular, as diretrizes institucionais nacionais, ao mesmo tempo em que expressam práticas adaptativas próprias ao contexto regional. A atuação de lideranças como o pastor José Arcanjo de Deus e Silva, bem como o uso das fichas da CPAD como instrumentos de controle e

organização interna, mostram como a denominação constrói e mantém uma identidade assembleiana alinhada, mas também contextualizada.

Dessa forma, conclui-se que a história das Assembleias de Deus em Zé Doca não apenas ilustra a expansão do pentecostalismo no interior do Maranhão, mas também oferece uma contribuição valiosa para a compreensão mais ampla do fenômeno pentecostal no Brasil. O estudo da experiência local reafirma a importância de considerar as dinâmicas regionais como parte integrante da narrativa nacional do pentecostalismo, permitindo uma leitura mais rica, plural e contextualizada do campo religioso brasileiro.

Entretanto, é importante destacar que, sobre a história das Assembleias de Deus em Zé Doca, ainda há pouco material disponível que elucide de forma abrangente sua trajetória. Este artigo, portanto, não se apresenta como um ponto de chegada — longe disso. Não se pretende aqui encerrar a discussão ou esgotar o tema. Pelo contrário, acreditamos que este trabalho possa servir como um ponto de partida, um pontapé inicial para o desenvolvimento de novos estudos, quem sabe até de produções mais robustas sobre a história e a atuação da IEADZC – Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Zé Doca.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus – 1911 a 2011*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.

ALENCAR, Gedeon. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus*. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ALMEIDA, Adroaldo José da Silva. *Pelo Senhor Marchamos: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese apresentada ao Programa de

Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014. p. 241.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus*. Belém: CPAD, 1960.

COSTA, Moab César Carvalho. *Mudança de ethos do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo*. Estudo de caso: a Assembleia de Deus em Imperatriz-MA. (Mestrado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.

FARJADO, Maxwell Pinheiro. *Assembleia de Deus no Brasil: uma Igreja que cresce enquanto se fragmenta*. Assis: UNESP, 2015.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Tradução de Maria Lucia Machado. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 535–549.

MARTINHO, Mailson. *O ensino da história local na rede pública municipal de Zé Doca: um olhar sobre os conteúdos trabalhados e suas fontes*. São Luís, 2022. 154 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

MOTA, Elba Fernanda Marques. *Representações de si e prática da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus do Maranhão (1957-1996)*. Elba Fernanda Marques Mota, 2013.

PEREIRA SILVA, Sandro. *Identidade coletiva e organização produtiva dos apicultores do Alto Turi maranhense: o caso da Turimel*. *Mercado de Trabalho*, n. 53, nov. 2012. IPEA.

QUEIROZ DE ARAÚJO, Rímilla. *A história das Assembleias de Deus em Zé Doca: liderança, identidade e controle*. 2023. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão, Programa Ensinar, Zé Doca, 2023. Orientador: Prof. Dr. Alcebiades.